

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

396

B239 m

Ex 1
C 92543050

A MULHER: ONTEM E HOJE

Maria Aparecida Barbosa

VIII Semestre

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT	
RG N°	6595
Data	15/01/2002

Pontes e Lacerda - MT, julho de 2000

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A MULHER : ONTEM E HOJE

**Ensaio monográfico desenvolvido no Estágio
Supervisionado de Língua Portuguesa e
Literaturas no VIII Semestre do curso de
Licenciatura Plena em Letras da Universidade do
Estado de Mato Grosso - Campus Universitário
de Pontes e Lacerda, orientada pela Professora
Shirlei Aparecida de Fátima Gaspar Máschio.**

Pontes e Lacerda - MT, julho de 2000

A mulher sábia constrói o seu lar; a insensata
o destrói com as próprias mãos. (Prov.)

Dedico a...

A Deus pelo Dom da vida, pela força e ânimo na árdua caminhada, deu-me a oportunidade de crescer e superar todos os obstáculos, e me fez compreender que se temos Deus em nossa vida, nada é impossível.

Meus pais pelo apoio e dedicação

Meus irmãos...

Meus professores...

Principalmente a minha orientadora Shirlei, que é exemplo de mulher que luta por seus direitos, pelo apoio e compreensão...

As amigas Mariluce, Solange, Vilma, pela força nos momentos difíceis e de desânimo, pelo companheirismo e a amizade cultivada...

Enfim, a todos os amigos e colegas que de uma forma ou de outra colaboraram para que eu chegasse até aqui...

SUMÁRIO:

Apresentação.....	06
Fundamentação Teórica.....	08
Levantamento de Dados.....	35
Análise dos Dados.....	37
Considerações Finais.....	48
Referências Bibliográficas.....	50
Anexos.....	51

APRESENTAÇÃO

A escolha do tema mulher para este ensaio monográfico foi devido às grandes conquistas realizadas por elas dentro do cenário político, econômico e social, gerando assim críticas e aplausos. Baseando nessas contradições é que me propus a pesquisar e fazer um levantamento histórico sobre a atuação feminina desde sua criação aos dias atuais, da obscuridade no cenário político e a conquista de cargos importantes em grandes empresas.

E para isto, fez-se necessário fazer um levantamento histórico do movimento feminista e suas atividades e como também as principais colaboradoras desse movimento tão criticado pela sociedade machista, mas que trouxe grandes benefícios à vida das mulheres, fazendo com que as mesmas lutassem por seus direitos e seu espaço na sociedade.

Por essa razão interessei-me em pesquisar como é constituída a mulher dentro do Livro Didáticos da 7ª série do Ensino Fundamental Regular usado na E.E.E.B. "06 de Agosto" do qual o texto escolhido "A moça e a Varanda" e do Livro Didático de Educação de Jovens e Adultos o texto escolhido é " Por um feminismo sem azedume" da mesma escola.

Assim pude observar a diferença existente na constituição da mulher dentro dos Livros Didáticos de modalidades de ensino diferentes.

No primeiro texto a mulher é vista como alguém sonhadora, vivendo as grandes descobertas: o primeiro amor, os encontros escondidos, bem de acordo com a realidade dos adolescentes da série a que o livro é destinado.

E no segundo texto a visão que se tem é a da mulher lutadora, que briga por seus direitos, levando em conta que a mulher assim como o homem, juntos formam a humanidade. E essa visão está também de acordo com a clientela estudantil a que é destinado, pois sua maioria são donas

de casa e trabalhadoras que buscam com o estudo uma maneira de melhorar sua vida social e econômica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo da história da humanidade a mulher sempre foi vista com inferioridade, por ela ser frágil, sensível e sempre tratada como alguém que não tinha vontade própria.

Isso pode ser por causa da história de sua criação, Segundo a Bíblia a mulher foi criada a partir da costela do homem, por isso ela deve ser submissa a ele. Isso dentro de um discurso machista da Igreja, onde padre e/ou pastor tende a incutir esta ideologia na sociedade e principalmente nas mulheres, mas dentro da Bíblia, onde narra a criação do ser humano, em nenhum momento deixa explícita essa submissão:

Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente.

Javé Deus disse: "Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante."

Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne.

Depois da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: "Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem! Por

*isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, e se une à
sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne. (*
Gênesis, 2, 7. 18. 21-24)

Portanto Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, e a mulher foi criada da costela do homem, que traz toda uma carga de dominação, por parte do homem. Mas por outro lado, se ela foi criada da costela do homem, e o homem é a imagem e semelhança de Deus, e os dois, homem e mulher tornam-se um só, significa que não há distinção entre os dois, a única diferença é que um é macho e o outro fêmea. Não há o porquê de tanta discriminação em relação ao outro. A diferença que existe não significa que um é maior ou melhor que o outro.

A história da força da mulher está difundida por toda parte do mundo desde o início da humanidade. Desde que Eva levou Adão a cometer o pecado exercendo sobre ele todo seu poder de dominação sobre o homem.

*Então a mulher viu que a árvore tentava o apetite,
era uma delícia para os olhos e desejável para
adquirir discernimento. Pegou o fruto e o comeu;
depois o deu também ao marido que estava com ela,
e também ele comeu. (Gênesis - 3, 6)*

A partir desse fato o homem passou a lutar e consegue de certa forma fazer valer sua força.

Na Bíblia outras grandes mulheres também se destacaram na luta pela libertação do povo oprimido como Judite, Esther, que também com força e determinação derrubaram reis e seus exércitos. É Bíblico os feitos dessas grandes mulheres:

Então Judite tirou a cabeça de Holofernes que

estava na sacola, mostrou-a e disse: "Esta é a cabeça de Holofernes, general do exército da Assíria. Este é o mosquiteiro, debaixo do qual ele dormia embriagado. O senhor o matou pela mão de uma mulher. (Judite - 13,15)

Mas pelo fato da sociedade desde o início ser patriarcal as mulheres tendem a ficar na obscuridade. Assim sendo as mulheres encontraram e encontram grandes obstáculos no seu cotidiano.

Após a Segunda Guerra Mundial por volta da década de 60 e 70 as mulheres começaram então a se tornarem um grande número na força de trabalho. Nesta época, com a perda dos pais e maridos, a mulher teve a oportunidade de trabalhar fora de casa, para garantir o sustento e a sobrevivência da família.

Além de cuidarem da casa, dos filhos, trabalharem fora, recebiam um salário inferior, pelo fato de serem mulheres, só lhes eram permitidos trabalhos domésticos, ao qual já estavam acostumadas no seu cotidiano.

Segundo Giddens:

O fato de as mulheres trabalhadoras desempenharem ocupações relativamente mal pagas, desfrutando de inferiores condições de trabalho e poucas perspectivas de promoção, sofre a influência da postura adotada pelos empregadores e pelos homens trabalhadores, bem como da possibilidade de a carreira das mulheres vir a ser prejudicada

pelo nascimento de filhos. (GIDDENS, pág. 102)

E as mulheres de maneira ainda muito acentuada, continuam a aceitar tais circunstâncias, resignadamente ou não, ao aceitarem a "ideologia da domesticidade"- ou seja, colocando o casamento e a família acima das recompensas econômicas que poderiam advir de uma participação plena e em igualdade de condições no sistema de trabalho industrial.

Naturalmente, a participação na força de trabalho é apenas um aspecto das relações patriarcais que tendem a prevalecer nas sociedades capitalistas contemporâneas. Em todos os lugares, as mulheres não ocupam posições que lhes tragam algum poder, tanto em matéria de polícia tanto no que diz respeito a outros setores. Ademais, elas estão sujeitas a uma dupla discriminação na medida em que muitas trabalhadoras continuam a ter que desempenhar as tarefas domésticas e cuidar de seus filhos.

(GIDDENS, pág. 101)

Os movimentos feministas têm buscado combater essas desigualdades de várias maneiras, embora a maioria dos autores feministas tenha admitido que elas estão profundamente arraigadas. À própria difusão do patriarcado nas sociedades humanas demonstra tal coisa.

Estas questões são complexas e os autores feministas têm se dividido ao abordá-las.

A obtenção de plena igualdade sexual no trabalho executado fora de casa não é necessariamente desejável por si mesma no contexto de uma

economia capitalista. No entanto, reciprocamente a transformação ou humanização do trabalho industrial capitalista não asseguraria o fim da exploração sexual, na medida em que está profundamente arraigada na família.(GIDDENS, pág. 102)

Procurando assim defender as mulheres de toda discriminação existente, é que surgiram os movimentos chamados "Movimentos Feministas". Os quais, obtiveram grandes êxitos e também recuos, mas sobrevivem até hoje.

No entanto, pode-se dizer que em se tratando de movimento feminista há dois lados: um que alcançou grandes progressos na luta pela causa da mulher, trazendo-lhes melhorias e valorização, e outro lado que criou transtornos e desrespeitos pela causa, ao impor uma igualdade muito longe da realidade humana, pois em certos aspectos a mulher nunca vai ser igual ao homem, pois sua própria constituição física e orgânica é diferente do homem, até mesmo sua própria criação.

Atualmente, a mulher busca a igualdade, e isso acaba influenciando na questão da criminalidade, hoje em dia várias mulheres são assassinadas por lutarem por uma sociedade justa e sem corrupção e também por conseguirem um espaço melhor na sociedade em que estão inseridas. Nota-se que antigamente essa situação era diferente, pois somente os homens eram mortos por lutarem pelos seus ideais.

Não se pode dizer que essa situação é culpa do movimento feminista, mas é preciso conhecer bem os dois lados, e assim tirar suas próprias conclusões.

Se a mulher ocupa cargos importantes na sociedade hoje, não pode-se negar que o mérito é desse movimento. Assim é necessário fazer-se a retrospectiva do que foi e do que é o feminismo ao longo do seu desenvolvimento.

LEVANTAMENTO HISTÓRICO DO FEMINISMO

"Na vasta gama de discriminações que existem entre os seres humanos, uma das mais antigas é a sofrida pelas mulheres. Desde o século XVIII diversos movimentos se propõem a modificar esse estado de coisas, por exemplo:

Feminismo é o movimento social que defende igualdade de direitos e status entre homens e mulheres, que devem ter garantida liberdade de decisão sobre suas próprias carreiras e padrões de vida.

Origens do Feminismo

Embora ao longo da história, diversas correntes filosóficas e religiosas, a exemplo do Cristianismo primitivo, tinham defendido a dignidade e os direitos da mulher, o movimento feminista remonta mais propriamente à revolução francesa. A convulsão desencadeada em 1789, além de pôr em cheque o sistema político e social então vigente na França e no resto do Ocidente, encorajou as mulheres a denunciar a sujeição em que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas da existência: jurídica, política, econômica, educacional, etc.

Enquanto os revolucionários proclamavam uma declaração dos direitos do homem e do cidadão, a escritora e militante Olympe de Gouges redigia um projeto de declaração dos direitos da mulher, inspirada nas idéias políticas e filosóficas do Marquês de Condorcet, que integrava a Assembléia. Desde o início da revolução, as francesas participaram ativamente da vida política e criaram inúmeros clubes de ativistas femininas. Em 1792, uma delegação encabeçada por Erta Palm foi até a Assembléia para exigir que as mulheres tivessem acesso ao serviço público e às forças armadas. Essa exigência não foi atendida e o movimento feminino foi suprimido pelo

terror. Robespierre proibiu que as mulheres associassem a clubes, e o projeto de igualdade política de ambos os sexos foi arquivado.

Mesmo assim, a revolução deu ímpeto a uma campanha que se prolongaria nos séculos seguintes.

O Feminismo Francês ressurgiu em 1836, com a *Gazette Des Femmes*, jornal animado por Mme Herbinot de Mauchamps, que tinha por plataforma a igualdade jurídica dos homens e das mulheres.

Em 1848, a França conheceu nova revolução e, como a anterior, sacudiu as bases da ordem estabelecida. Mais uma vez os clubes femininos proliferaram no país. As mulheres a gora reivindicavam não só a igualdade e o direito a voto, mas também a equiparação de salários. Essas novas exigências se explicavam pelas transformações da sociedade européia da época. Com a crescente industrialização, as mulheres dos meados do século XIX foram cada vez mais abandonando seus lares para empregar-se como assalariadas nas indústrias e oficinas. Entraram assim, em contato com as duras realidades do mercado de trabalho: se os operários da época já eram mal pagos, elas recebiam menos ainda. Consequentemente, era mais vantajoso dar emprego às mulheres que os homens, e, assim, estes últimos viram-se envolvidos em uma penosa concorrência com o outro sexo. Irromperam até mesmo movimentos de oposição ao trabalho feminino.

Nesse confuso panorama, emergiam dois fenômenos significativos. A partir do momento em que as mulheres se mostraram capazes de contribuir para o sustento de suas famílias, não foi mais possível tratá-las apenas como donas - de - casa ou objetos de prazer. As difíceis condições de trabalho impostas às mulheres conduziram-nas a reivindicações que coincidiam com a classe operária em geral. É, pois dessa época que data a estreita relação do feminismo com os

movimentos de esquerda.

Em 1868, surgiu na França o primeiro movimento feminista, de organização ainda incipiente, cujo o órgão era "Le Droit des Femmes", jornal editado por Marie Deraismes e Le'on Richer. O movimento, de agitação e propaganda em favor das reivindicações femininas, passou por vicissitudes, mas possibilitou a organização de um primeiro congresso internacional de mulheres.

Entrementes, o movimento socialista incluiu entre suas reivindicações também a das mulheres. Surgiu então, a sociedade Le Suffrage des Femmes (o voto das mulheres), fundada por Hubertine Auclert. Em 1882, diversas organizações femininas realizaram um segundo congresso, que contou com o apoio de grandes figuras da vida cultural francesa, como Victor Hugo e Alexandre Dumas, criador do termo feminismo. As mulheres francesas conquistaram o direito de voto em 1949.

Feminismo nos Estados Unidos e no Reino Unido

Os Estados Unidos e o Reino Unido também se notabilizaram por vigorosos movimentos feministas, surgidos já em princípios do século XIX. Em 1837, fundou-se nos Estados Unidos a Universidade feminina de Holyoke e nesse mesmo ano, realizou-se em Nova York uma convenção de mulheres que se opunham a escravidão. O abolicionismo foi, efetivamente, um dos temas centrais do desenvolvimento e consolidação do movimento feminista americano.

Uma segunda convenção, reservada exclusivamente a mulheres, reuniu-se em Seneca Falls e em Rochester, no estado de Nova York, em 1848. Suas principais animadoras, Elizabeth Cady Stanton e Lucretia Mott, apresentaram, então, um projeto de emenda constitucional que,

se aprovado pelo Congresso, teria representado a equiparação jurídica de homens e mulheres. Tal como na França e outros países, as americanas tiveram que esperar o século seguinte para conquistar o direito de voto.

Em 1869, existiam no país duas associações feministas: a National Woman Suffrage Association (Associação do Sufrágio Feminino), dirigida por Harriet Stanton e Susan B. Anthony, e a American Woman Suffrage Association (Associação Americana do Sufrágio Feminino), liderada por Lucy Stone, que perseveraram na luta, não raro recorrendo a violência, até 1920 quando as mulheres americanas alcançaram seu direito ao voto.

No Reino Unido, Mary Wollstonecraft publicou *A Vindication of the Rights of Women* (1792; Reivindicações dos direitos das mulheres), obra em que exigia para as mulheres as mesmas oportunidades que gozavam os homens na educação no trabalho e na política. Mas, foi somente em meados do século XIX, graças aos esforços conjuntos de Barbara Leiger Smith e do filósofo e economista John Stuart Mill, que se criou um comitê do sufrágio feminino. Em 1866, esse comitê apresentou a Parlamento um projeto igualitário, que foi rejeitado.

Apesar dos êxitos parciais alcançados, o movimento sufragista britânico teve de esperar também o século XX para ver coroados os seus esforços. Em 1903, sob a direção de Emmeline Pankhurst, a organização Women's Social and Political Union (União Social e Política das Mulheres) empreendeu uma intensa campanha. A Suffragettes inglesas não hesitaram em recorrer a métodos violentos: atacaram estações ferroviárias, incendiaram edifícios, quebraram vitrines e fizeram ruidosas manifestações nas ruas.

Proscritas a entidade em 1913, Pankhurst e outras numerosas ativistas foram julgadas e condenadas à prisão. Depois da primeira Guerra Mundial, em que o feminismo britânico se viu desmobilizado, as britânicas, já em 1919, conseguiram o direito parcial de voto. Essa vitória

consolidou-se em 1928, quando finalmente elas conseguiram acesso irrestrito às urnas e ao Parlamento.

Feminismo no Brasil

Como em outros países, foi longa a luta das mulheres por seus direitos. José Bonifácio e Manuel Alves Branco, Visconde de Caravelas, apresentaram um projeto que concedia o direito de voto a mulheres viúvas ou separadas do marido.

Na constituinte de 1890 - 1891, foi aprovado em primeira discussão o projeto do deputado paulista Costa Machado, favorável ao voto feminino, mas prevaleceu a opinião dos positivistas, de que a atividade política não era honrosa para a mulher.

O movimento feminista brasileiro teve como sua principal líder a bióloga e zoóloga Berta Lutz, que fundou, em 1922, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Essa organização tinha entre suas reivindicações o direito de voto, o de escolha de domicílio e o de trabalho, independentemente da autorização do marido. Outra líder feminina, Nuta Bartlett James, participou das lutas políticas do país na década de 1930 e foi uma das fundadoras da União Democrática Nacional (UDN).

O direito de voto só foi concedido às mulheres brasileiras pelo Código Eleitoral de 1933. Na Constituição de 1934 estabeleceu-se a proibição de diferença de salário para um mesmo trabalho por motivo de sexo, e a proibição de trabalho de mulheres em indústrias insalubres.

Feminismo no século XX

Desde o início do século XX, a situação mudou rapidamente pelo mundo inteiro. A

revolução russa de 1917 concedeu o direito de voto às mulheres e, em 1930, elas já votavam na Nova Zelândia (1893), na Austrália (1902), na Finlândia (1906), na Noruega (1913) e no Equador (1929). Por volta de 1950, a lista compreendia mais de cem nações.

Na Espanha, onde Concepcion Arenal defendera já no século XIX o direito feminino à educação e reivindica proteção do estado para o trabalho das mulheres, surgiram em 1920 entidades femininas como a Asociacion Nacional de Mujeres Espanolas, em Madri, ou a Mujer del Porvenir e a Progresiva Femenina, em Barcelona. Durante a ditadura de Miguel Primo de Rivera mulheres galgaram postos legislativos, mas só na república de 1931 - 1936 obtiveram o sufrágio e até chegaram a participar do governo. Também na América Latina surgiram organizações feministas no século XX, como a Sociedad Protectora de La Mujer, fundada no México em 1904.

Após a Segunda Guerra Mundial, o feminismo ressurgiu com vigor redobrado, sob a influência de obras como *Le Deuxieme Sexe* (1949; o segundo sexo), da francesa Simone de Beauvoir, e *The Feminine Mystique* (1963; A Mística Feminina), da americana Betty Friedan . No Reino Unido destacou-se Germaine Greer, australiana de nascimento, autora de *The Female Eunucer* (1971; A mulher eunuco), considerado o manifesto mais realista do Women`s Liberation Movimento (Movimento de Libertação da Mulher), mundialmente conhecido como Women`s Lib. Agora já não se tratava mais de conquistar direitos civis para as mulheres, mas antes de descrever sua condição de oprimida pela cultura masculina, de revelar os mecanismos psicológicos e psicossociais dessa marginalização e de projetar estratégias capazes de proporcionar às mulheres uma liberação integral, que incluísse também o corpo e os desejos. Além disso, contam-se entre as reivindicações do moderno movimento feminista a interrupção voluntária da gravides, a radical igualdade nos salários e o acesso a postos de

responsabilidade.

O ano de 1975 foi declarado ano internacional da mulher pelas Nações Unidas e culminou com uma grande concentração feminina na cidade do México. Em seu transcurso foi aprovado um plano de ação para promover a ascensão social e pessoal da mulher em todo o mundo.

O objetivo de plena igualdade, nunca radicalmente alcançado, realizou-se de forma muito desigual nos diversos países. Entre os principais obstáculos, os de índole cultural são de grande importância. Assim, por exemplo, sobrevivem em grande parte do continente africano, as peculiaridades culturais do mundo islâmico redundam em dificuldades e atrasos na consecução das reivindicações feministas". (BARSA, 1998.) Cópia ao pé da letra para que não fique fora nenhum item a respeito do

levantamento histórico do movimento feminista)

*No Brasil durante o século XVII, era normal afirmar que as mulheres só deveriam sair de casa em três ocasiões: para ser batizada, casar e ser enterrada.

Os homens tinham plenos poderes sobre suas vidas. E em pleno século XIX, eram ainda reprimidas e tinham que seguir certos mandamentos impostos pela sociedade da época tais como: *Amai vossos maridos sobre todas as coisas e não o atormenteis com exigências, caprichos e amuos*. E ainda eram obrigadas a fechar os olhos às infidelidade do marido.

Depois de muitos anos de opressão as mulheres, resolveram virar a mesa e sempre que encontravam uma oportunidade elas arregaçavam as mangas e iam à luta.

E dentre essas grandes mulheres temos: A princesa Isabel que assinou a Lei Áurea, para a libertação dos escravos, e que foi também a primeira e única mulher que administrou o Brasil até hoje. E isso ocorreu nas ocasiões em que seu pai o Imperador D. Pedro I teve que se ausentar do país. Como pode se observar que este fato nunca fora de conhecimento publico, pois até então

não era aceito que uma mulher ficasse a frente de um cargo tão importante como administrar o país.

Graças as lutas incansáveis das feministas as mulheres sentem orgulho em dizer: Começamos o século sem votar, e aos poucos, conquistamos prefeituras, postos no legislativo, um governo estadual . Hoje a luta é outra : ampliar nossa participação na política.

Bertha Lutz liderou o movimento decisivo para a conquista do voto. Ela influenciou milhares de brasileiras com o argumento de que o voto representa a afirmação da cidadania das mulheres, e que assim poderiam conquistar igualdade de salários e de outras oportunidades na vida, como na educação e em outros setores.

Hoje no cenário político temos grandes mulheres que atuam com mão de ferro, confiantes e exigentes. A senadora Eunice Michilles foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira no senado, desde então contamos com prefeitas, deputadas, vereadoras e governadoras. Roseana Sarney, foi a primeira mulher eleita governadora de um estado brasileiro, sua primeira experiência com as urnas foi em 1990, onde foi eleita deputada federal. O governo de Roseana tem sido apontado pelas pesquisas de opinião pública como o mais popular do Brasil. Ela travou muitas batalhas contra tumores que a levaram nove vezes para a mesa de cirurgia, mas isso nunca a desmotivou de perseguir seu ideal. Hoje estamos representadas por seis senadoras, vinte e nove deputadas federais, cento e uma deputadas estaduais, cento e oitenta e sete prefeitas e quatro mil e trezentos e cinquenta e seis vereadoras. E ainda é pouco.

As guerreiras

* Elas queriam justiça, liberdade, independência - e não hesitaram em pegar em armas

para defender o país e suas idéias, combatendo ao lado dos homens, como : Maria Quitéria, que tornou-se soldado em 1822, e participou da luta contra os portugueses a favor da Consolidação da Independência do Brasil. Também Maria Francisca da Conceição (Maria Curupaite) a qual participou ao lado do marido que era soldado na Guerra do Paraguai (1864 - 1870). Mesmo após a morte do marido participou da batalha de Curupaiti, de onde veio a origem de seu apelido.

Como essas guerreiras, tivemos também outras que participaram de lutas armadas contra a ditadura Militar no país entre 1968 e 1974. Onde muitas mulheres foram presas, torturadas, mortas, exiladas ou até hoje desaparecidas.

Se antes as mulheres impunham sua vontade para participar de lutas armadas, ainda hoje não é muito diferente, no exército brasileiro de hoje efetivo feminino é de dois mil e duzentos e doze e longe das armas.

Na medicina

*Na medicina às coisas também não eram diferentes, a primeira doutora nem pode estudar no Brasil, estudou em Nova York com uma bolsa doada pelo Imperador.

Maria Augusta Generoso Estrela se formou , voltou ao Brasil e trabalhou como médica de crianças e mulheres na farmácia de seu marido. Esse fato foi fundamental para aumentar a pressão pela abertura das escolas de Medicina às mulheres, o que se deu a partir de 1881.

Feminista ardorosa, escreveu vários artigos sobre a emancipação da mulher.

Hoje, as mulheres já são quase metade dos formandos em medicina, mas ainda há certas coisas em que as mulheres são proibidas de participar, como: na peça teatral apresentada anualmente na USP, às mulheres cabe costurar os trajes usados pelos atores.

No Judiciário

*Na questão jurídica, depois de um século de batalha, o direito deixou de ser uma área exclusivamente masculina para se tornar uma das carreiras que mais formam mulheres no Brasil. Nesta área a percursora foi Mirtes de Campos em 1906, a primeira mulher a conseguir o registro na Ordem dos Advogados do Brasil, depois de enfrentar anos de oposição dos próprios colegas, não se deixou intimidar.

Grande conhecedora do Código Penal, derrotou um promotor da cidade do Rio de Janeiro considerado invencível. Sempre foi uma feminista fervorosa. Um dos seus maiores feitos foi um estudo defendendo a constitucionalidade do voto feminino.

Mesmo sendo a maioria dos alunos diplomados em Direito, às mulheres ainda tem que enfrentar uma certa resistência por parte da família ao optar pelo curso, elas ainda tem que ouvir coisas do tipo: *Escolha pedagogia. "É uma profissão mais adequada a mulheres"*.

A primeira mulher que aprendeu a ler e a escrever no Brasil viveu na Bahia no século XVI. Passados quase 500 anos, 8 Milhões de brasileiras continuam analfabetas. (Rev. Cláudia, abril 2000)

Madalena Caramuru ficou conhecida como a primeira mulher alfabetizada que se teve notícia no Brasil.

Imagine o espanto dos historiadores modernos ao descobrir uma carta elegante, redigida com clareza e raciocínio impecável, datada dos primeiros tempos do Brasil colônia e assinada...por uma mulher! (Rev.Cláudia, abril 2000)

Na tal carta, enviada em 1561 ao Bispo de Salvador, Madalena pede ajuda para livrar as crianças escravas dos maus tratos que sofriam nas mãos de seus senhores. Isto foi mais estranho ainda pelo fato de que as mulheres naquela época viviam afastada da vida cultural na sociedade Luso - brasileira. E este assunto era muito polêmico para ser tratado por uma mulher.

Hoje ainda temos 15 milhões de brasileiros com mais de 15 anos que não sabem ler e nem escrever. Conseqüências do capitalismo, onde muitas crianças que deveriam estar na escola, têm que trabalhar para ajudar no sustento da família.

A mulher tem procurado de alguma forma mudar sua situação na sociedade, pois em todo o lugar é necessário que se saiba ler e escrever para assim obter um serviço melhor. Por isso elas estão voltando a escola juntamente com seus filhos. (Revista Cláudia, abril 2000) Nossas Mulheres. 500

Anos Fazendo a história do Brasil. O que os livros de Escola não contam. Comentário sobre)*

Após esse levantamento histórico cabe fazer ainda outras colocações a cerca do papel da mulher enquanto cidadã.

Hoje as mulheres são a maioria da população. São também a maioria nos bancos escolares, em todas as etapas da educação formal e maioria em, praticamente, todas as carreiras do ensino superior. Além disso, elas tem mais anos de escolaridade do que os homens em todos os níveis da escala educacional. Antigamente a educação era o único reduto profissional das mulheres.

Hoje, como se sabe, as mulheres estão em todas as carreiras e categorias profissionais.

Na educação, porém, se destacam e valorizam de tal modo esse bem, que os homens voltaram a interessar-se pela profissão de educador.

Hoje tem-se até um razoável contingente de mulheres reitoras em nossas universidades, inclusive reitoras negras. Elas têm sido, pois, capazes de superar adversidades e desafios.

Há, no entanto, um desafio ainda não superado: o preconceito e a discriminação no mundo do trabalho, que faz com que as mulheres recebam um salário, em média, 45% menor do que os homens, no exercício das mesmas funções e realizando o mesmo trabalho. Essa desigualdade é agravada pelo fato de as mulheres assumirem mais e mais a manutenção da família, configurando-se então uma profunda injustiça contra a metade da humanidade.

Segundo Eni Orlandi as palavras não têm nenhum significado sozinha, vai depender das pessoas que as usam e de sua posição social, e os sentidos são o que as palavras significam, isto é, sua carga ideológica, ou seja, depende de quem fala e do lugar de onde fala.

Dentro dessa perspectiva Eni Orlandi faz uma crítica do confronto de fala do jornalismo feminino e do feminismo com o jornalismo masculino. Neste confronto ela fala da disputa de sentidos na fala dos mesmos.

Que há um jornalismo feminino não há dúvida. Empresarialmente, ele está aí. Empiricamente também já que produz objetos culturais que circulam pela sociedade com uma "cara", com uma identidade. Essa "cara", essa identidade são os confrontos travados com o jornalismo masculino, para assim firmar sua existência.(ORLANDI pág. 96)

Ao invés de tentar negar a importância da existência do jornalismo feminino e do feminismo, deve se falar do seu modo e de como é sua existência em relação a mulher.

Diria que a importância da existência do

jornalismo feminino e do feminismo está em que ambos faz parte da construção da sociedade e se coloca como uma forma da mulher se relacionar com si mesma e com a formação social em que vive.
(ORLANDI, pág. 96)

Numa sociedade como a nossa na atual conjuntura sócio-política, a mulher convive com o jornalismo feminino e com o feminismo, em seu dia- a- dia. *Se isso leva à consciência, à crítica, ou a uma mera reprodução de uma vida domesticada é um assunto a discutir.*

O que funciona numa sociedade, na perspectiva da linguagem, não é a coisa mas os efeitos imaginários que ela produz. (ORLANDI, pág. 96 e 97)

Não é porque uma mulher leu um determinado artigo que ela vai ser assim ou não, *é a maneira como ela vai relacionar com esse artigo, na sua história, que vai determinar sua prática e isso não determina empiricamente num determinado lugar específico.*(ORLANDI, pág.99)

Os significados não caminham na mesma direção, vai depender da história de leitura e da realidade política e social de cada um .

Existe uma grande divergência quando se toca no tema espinhoso como das igualdades e diferenças. *A mulher ao aspirar a igualdade de direitos, está também configurando sua diferença.*

O direito à diferença tem sua ambigüidade : o "nós mulheres" tem a possibilidade de promover a organização, pois as diferenças anunciam a "virtude" de fundar uma comunidade, mas também

o "defeito" de autorizar exclusões. O direito de ser mulher traz infelizmente, um certo gosto de "arrebanhamento". (ORLANDI, pág. 97)

Se não for discutido a diferença não se pode discutir a desigualdade. Entretanto, o "nós mulheres", ao afirmar a particularidade do agrupamento, pode excluir ao mesmo tempo a universalidade do direito e a singularidade do sujeito. (ORLANDI, pag. 97)

Sabe que a permissão expressa restringe mais que a proibição expressa. Então, a estratégia do discurso da mulher, a meu ver, seria mais radical se não exigisse as permissões mas, isso sim, negasse as negações (quando a mulher afirma, ela pressupõe uma negação e isso vem à tona). Quando ela diz "as mulheres são tão capazes quanto os homens", ela pressupõe uma afirmação do tipo "as mulheres não são capazes", que preside a sua fala, a antecede. (ORLANDI, pág. 97 e 98)

Falar da mulher, dependendo de como se fala, pode ser uma forma de criar um silêncio mais profundo sobre outras determinações do feminismo talvez mais importantes e decisivos. Mas isso não é uma questão de essência. É uma questão da relação que se estabelece com esses discursos: uma relação que pode ser tanto de subserviência quanto de

soberania. (ORLANDI, pág. 99)

Não se trata de sentidos "veiculados" meramente pelas revistas femininas, mas sim a produção de sentidos que não são apenas "transmitidos" pelas revistas. *Nelas se constitui uma relação que estabelece com um campo de leitores que presumivelmente é feminino. Fala-se que as revistas do jornalismo feminino cria um estereótipo da mulher e da questão feminina, levando à mera reprodução de padrões estabelecidos.*

Nesta questão há muita contradição, pois o uso do estereótipo pode ser uma forma de resistência usada pela mulher para assim jogar o feitiço contra o feiticeiro já que lhe foi atribuído um padrão, porque não se submeter a ele. Assim as mulheres fazem um "uso social" dos padrões estabelecidos, como palavras, comportamentos, imagens, *para consumo social imediato, enquanto elaboram em outro lugar práticas mais sutis de diferenciação. (ORLANDI, pág. 99)*

Dada a formação discursiva dominante que as categoriza de antemão de incapazes de críticas, as mulheres jogam com esse preconceito, destruindo essa fala pelo próprio fato de responder ao estereótipo com estereótipo (ah! então tá!). Os outros sentidos terão outro lugar, não o confronto direto com o discurso dominante. (ORLANDI, pág. 99)

Pois, *a relação da mulher com o estereótipo não é mecânica nem unívoca.* Porque vai depender do contexto social e de como funciona o estereótipo *numa complexidade de elementos que constituem, em seu conjunto, o processo de significação desencadeado pela leitura de um texto qualquer do jornalismo.* O discurso dominante contra o jornalismo feminino *tende a fixar o sentido dos discursos da e sobre a mulher, categorizando-os e rebaixando-os.* E também

propõe um modo de leitura para as revistas femininas como único, isto é, como um jornalismo fraco e de baixa qualidade. Assim *as mulheres aparecem como vítimas dos estereótipos em seu torpor e sua falta de delicadeza.*

De um lado, a mulher vive historicamente uma situação tensa, repleta de conflitos, cheia de duplicidade, e por outro, ninguém mais do que ela aprendeu historicamente a caminhar no interior das ambigüidades, a trilhar as contradições, a exercer sua resistência num jogo em que, na maior parte das vezes, não foi ela quem deu as cartas. (ORLANDI, pág.100)

Quem sempre deu as cartas foi a sociedade ou seja as mulheres tem que seguir as regras ditadas pela sociedade, sem discutir se é o certo ou errado.

Quanto ao Discurso Pedagógico que se caracteriza por seu autoritarismo, disfarçado de um discurso neutro, que transmite informação, em relação a mulher não é diferente, pois nessa perspectiva

mais do que discutir as diferentes tendências, interessa-nos tomar a linguagem (verbal) como lugar de conflito social. Pretendemos fazer isso através de manifestações específicas da linguagem, ou seja, artigos de revistas para homens (Status) e para mulheres (Nova) , que falam de mulheres. (ORLANDI, pág. 105)

Como por exemplo:

1º Texto: Status, Nº 32, março de 1977(CR\$25.00)

O status do marido e o preço do corpo feminino.

Muita gente duvida de que o feminismo seja o caminho certo para tornar mais felizes as mulheres. Mas é difícil negar que afinal a igualdade de direitos para os homens e mulheres seja uma possibilidade futura quase inevitável. Será que os direitos idênticos trarão a felicidade para todos? Para as mulheres, pode ser, para os homens, a coisa se complica. Segundo o estudo de uma mulher, a socióloga americana Marie Laliberte Richmond, os homens enfrentam terríveis problemas sociais quando sedem à pressão feminista. Abandonando seu habitual status de chefe da casa, o homem se vê compelido a procurar compensações para esta perda de prestígio doméstico. Para outros, entretanto, as diferenças entre homens e mulheres são mais básicas, de natureza biológica. Para provar este ponto de vista, o químico suíço Peter Iten procurou determinar, recentemente, quais as substâncias que compõem o corpo masculino e quais as que formam a anatomia feminina. A diferença salta aos olhos, na curiosa conclusão do químico: se fossem comparadas no mercado de produtos químicos, as substâncias para compor um corpo

masculino custariam 90 milhões. Para o corpo da mulher, entretanto, os gastos subiriam para nada menos que cr\$ 264 milhões. Seria preciso alguma intuição feminina para prever que a mulher acabaria custando mais caro?(ORLANDI, pag.40)

2º Texto: Nova, nº 42, março de 1977 (CR\$15.00)

"A Colecionadora de culpas" de Flávia Amaral.

O simples papel da mulher já implica muitas culpas.

Por Ter sido sempre mais limitada do que o homem pela própria educação, até o aumento de opções de vida resulta em incertezas, inseguranças e culpa. Hoje, a mulher pode escolher entre trabalhar ou não, casar ou não, limitar ou não o número de filhos. Quando opta por alguma coisa, sente como tendo sido em detrimento de outra. Raramente acredita que agiu corretamente.

Aquela que opta por uma carreira julga-se carente de feminilidade, ainda que uma coisa nada tenha a ver com a outra. Aquela que cumpre seu papel tradicional, de esposa dependente, acaba se envolvendo em crises igualmente dolorosas porque a sensação de dependência também gera culpa. E ela acha que deve ser sempre agradável, gentil

e fiel àquele que a sustenta. Tanto num caso como em outro, sente-se sempre em "dívida".

Por outro lado, crescendo num mundo em que a imagem da mulher é a de "eterna sacrificada", num mundo que louva a abnegação (e negação) feminina, ela não consegue ainda se sentir digna quando atende a seus próprios anseios. Talvez amanhã essa abertura de opção passe a integrar sua condição de ser humano. E tanto homens como mulheres aprenderão a viver sem culpa, alternando papéis de dependência e independência, num relacionamento de troca, em função das próprias necessidades. Nesse dia pode ser possível ter seus momentos de comando e submissão, de adulto e de criança, sem ser preciso pedir desculpas por cada gesto. (ORLANDI, pág. 41)

Para a análise dentro do Discurso Pedagógico interessa mostrar qual a formação discursiva existente, como: a construção do texto, o fator social e seu sentido, e o lugar que o leitor ocupa socialmente, pois dependendo do seu lugar é que vai determinar o sentido do texto. Isto é vale mostrar as formas de sentido do texto, e não o significado que tem para cada leitor. O discurso pedagógico é instituído como modelo na escola, devido seu prestígio e sua legitimidade, não tem como e nem porque questionar, pois ele é autoridade.

Sabe-se que:

As palavras mudam de sentido ao passarem de

uma formação discursiva para outra. Assim, não são somente as intenções que determinam o dizer. Há uma articulação entre intenção e convenções sociais. Há uma seleção em relação aos meios formais que uma língua oferece, seleção feita pelo falante que vai delimitando o que diz, e conseqüentemente, tudo que seria possível dizer. Porém, o sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual: há uma forma social de apropriação da linguagem em que está refletido o modo como ele o fez, ou seja, sua ilusão de sujeito, sua interpelação feita pela ideologia.

Teoricamente, em termos bastante gerais, podemos dizer que a produção da linguagem se faz na articulação de dois grandes processos: o parafrástico e o polissêmico. Isto é, de um lado, há um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado - a paráfrase - e, de outro lado, há no texto uma tensão que aponta para o rompimento. Esta é uma manifestação da relação entre o homem e o mundo (a natureza, a sociedade, o outro), manifestação da prática e do referente da linguagem. Há um conflito entre o que é garantido e o que

tem de se garantir. A polissemia é essa força na linguagem que desloca o mesmo, o garantido, o sedimentado. Essa é a tensão básica do discurso, tensão entre o texto e o contexto histórico - social: o conflito entre o "mesmo" e o "diferente", entre a paráfrase e a polissemia. (ORLANDI, pág. 27)

LEVANTAMENTO DE DADOS

Dos dois textos pesquisados: "*A Moça e a Varanda*" e "*Por um Feminismo Sem Azedume - Homem e Mulher: Afinal quais seus papéis na sociedade*", que doravante serão chamados texto 1, e texto 2. Pode se depreender os dados abaixo:

O texto 1, descreve uma varanda, cercada de belo jardim, local onde se passa toda a trama, com riquezas de detalhes chamando a atenção para o bucólico lugar.

"Do jardim saía a alameda das samambaias que dava acesso à varanda."

Conta também a história de amor que teve início na infância.

"Já as grandes noites, vieram mais tarde, quando Luizinha apareceu."

O texto mostra a mudança de atitude que o ser humano tem com o passar do tempo:

- *"Vejam só que menino puro o mundo perdeu!"*
- *"Vejam vocês que rapaz fingido o mundo consertou!"*
- *"Vocês nunca saberão que excelente moça o mundo estragou"*

A história tem seu clímax na demolição da varanda e começa a declinar para o final com a tomada de consciência do rapaz - narrador - do que significou a demolição :

"Parado na rua, lá da calçada em frente, esperei que os operários derrubassem o último tijolo da última parede e voltei para o apartamento com a sensação

dentro de mim, algo também fora do limite."

No texto 2, o feminismo está sendo contado por uma mulher:

"Não parece existir uma condição feminina anterior à minha condição humana."

Em cima desta primeira fala, transcorre todo o texto que tenta explicar o feminismo sem a briga habitual macho X fêmea, homem X mulher.

"Começar por aí significa a meu ver , retirar das manifestações feministas o grão de azedume e revanchismo que a grande maioria delas contém, enfraquecendo e desacreditando a causa."

Ainda discorre a autora sobre o processo histórico - social chamando a atenção no clímax final quando coloca com propriedade:

"Me valho do autor sagrado, já na primeira página do primeiro capítulo de Gêneses, desfraldando a mais antiga e autêntica bandeira feminista que tenho notícia. 'Deus fez o homem, e o fez macho e fêmea' "

ANÁLISE DOS DADOS

Os textos escolhidos para a análise "A Moça e a Varanda" do Livro Didático usado na sétima série do Ensino Fundamental Regular, na Escola Estadual de Educação Básica "6 de Agosto", e "Por um Feminismo sem Azedume" no Livro Didático de Educação para Jovens e Adultos da mesma Escola.

O primeiro texto fala sobre a lembrança do que fora vivido no passado naquela mesma casa em que estavam prestes a ser demolida, para dar lugar a um prédio moderno.

O interessante nessa análise não é a lembrança dos dias maravilhosos passados naquela varanda, as belas flores, os pássaros, enfim, a felicidade vivida em outro tempo dentro de uma visão masculina, mas podemos perceber que o texto narra a história vivida por um rapaz, onde ele conta sua história de amor com a moça que vivia naquela varanda, com todo seu romantismo de adolescente.

Já o segundo texto tem uma visão diferenciada do papel da mulher na sociedade, isto é, a mulher é constituída como um ser social que luta por seus direitos e seu espaço, de um modo bem realista, sem esquecer de seus deveres.

Esse texto faz um questionamento: Homem e Mulher, afinal, quais os seus papéis na sociedade?

Desde o início da humanidade até hoje, essa questão tem sérias divergências, pois de um lado, o homem tem que sempre se julgar o senhor absoluto, e de outro, a mulher tem travado uma grande batalha para acabar com essa dominação.

Nestes dois textos o que interessa a esta análise é verificar como é constituída a mulher dentro dos mesmos.

Levando em conta a clientela a que é destinada os textos.

*Já as grandes noites, vieram mais tarde, quando
Luizinha apareceu. Chegava - como sempre chegou -
assustada com a possibilidade de o irmão tê-la
seguido ... (TEXTO 1)*

Somente pelo fato de observarmos que neste primeiro texto Luizinha sai de casa escondida à noite para encontrar o namorado, nos remete a uma época em que o romantismo estava no auge, pois o fato dos encontros nos sugere também que Luizinha, vive um momento de grandes descobertas: a emoção do primeiro amor, uma fase de sonhos e fantasias, como todo adolescente. E nos faz lembrar também de uma época em que a mulher vivia sobre forte vigilância e que não lhe era permitido sair de casa sozinha.

*No século XVII, era normal afirmar que elas só
deveriam sair de casa em três ocasiões: para ser
batizadas, para casar e para ser
enterradas. (Rev. Cláudia, abril.2000)*

Esse fato ainda é comum em algumas partes do mundo, onde muitas mulheres ainda são proibidas de sair de casa sozinhas, a não ser acompanhadas, ou em ocasiões especiais.

*Não parece existir uma condição feminina anterior à
minha condição humana... (TEXTO 2)*

Podemos perceber que este trecho nos fala que a mulher era tratada como um ser a parte sem muita importância, como um objeto qualquer, pois dentro da sociedade particular, o homem tinha todo poder sobre a mulher e não levava em conta que "*desde o nascimento o filhote humano é envolvido por mulher*" (Rev. Cláudia, abril.2000). Isso está mudando lentamente, mas está, é o

que podemos constatar nos dias atuais, no dia a dia das mulheres.

No primeiro texto, Luizinha passa por cima de todas as proibições, para assim encontrar o namorado e passar com ele alguns momentos, mesmo correndo o risco de ser pega em flagrante pelo irmão, característica clássica de todas as jovens adolescentes que faz de tudo para encontrar o namorado:

Só depois que Luizinha se certificava que ninguém a seguira pela alameda das Samambaias ('Foi o vento, Luizinha, que balançou as folhas') é que vinha o primeiro chamar de "meu bem", o primeiro beijo, morno beijo que nunca devia ter esfriado. (TEXTO 1)

No segundo texto fala também que qualquer tipo de opressão fere a dignidade humana, então porque não convivemos com as diferenças, pois homem e mulher são parecidos, têm os mesmos medos da morte, da solidão e a esperança de verem em um mundo melhor. Este é o discurso da mulher para mulher diante da opressão causada pelas diferenças.

No primeiro texto, podemos perceber também que com o passar do tempo, Luizinha começa a perceber que a fase de sonhos e faz de conta, já não tem tanta importância em sua vida, pois ela começa a despertar para algo diferente, real, isto é, a lutar por um ideal, ir em busca do novo.

No dia em que ela não veio, pensei uma porção de vinganças impossíveis e voltei-lhe um ódio de morte que durou quase um minuto. Era a decepção que sempre nos deixa o pecado irrealizado, logo apagada pela ideia de que não nos faltará tempo

para pecar. De fato, na outra noite - hora de sempre - lá veio ela fugindo de uma sombra para outra, para enganar o irmão. Nesse encontro juramos uma eterna fidelidade amorosa e fomos mais dramáticos em nossas palavras, gestos atitudes ... (TEXTO 1)

Luizinha decidida a dar um novo rumo em sua vida, tem então um último encontro com seu namorado, uma despedida, podemos perceber que a partir desse encontro Luizinha deixa para trás os sonhos cor-de-rosa. Ela não quer ser mais uma mulher que será subjugada pelo marido, sem voz e sem vez. Ela quer lutar por seus direitos e seus ideais.

Pra quê, Luizinha? Seguissemos o juramento e eu te enganaria, não o seguindo, como o fizeste, enganaste-me primeiro, para confessares depois. Choraste então, e eu também chorei sem nenhuma convicção.

Vejam vocês que rapaz fingido o mundo consertou!

(TEXTO, 1)

Como podemos observar no segundo texto, a autora faz uma crítica à forma em que muitas vezes o movimento feminista se torna violento e baderneiro, fazendo com que seja mal visto perante a sociedade e desacreditado pela mesma, colocando em risco a causa em si.

Começar por aí significa, a meu ver, retirar das manifestações feministas o grão de azedume e revanchismo que a grande maioria delas contém, enfraquecendo e desacreditando a causa. (TEXTO 2)

Também no primeiro texto percebemos que Luízinha na sua adolescência, auge do encantamento romântico, fizera juras que ela mesma, mais tarde percebeu que não seria possível cumpri-las, pois o mundo de sonhos não condizia com suas aspirações futuras.

Mesmo a contragosto, seu namorado percebera que as juras que fizeram não seriam cumpridas, mas mesmo assim por não aceitar que Luízinha queria algo mais e não somente ser uma simples dona de casa, cuidando do marido e dos filhos, ele julga que ela deixou-se demolir junto com a velha varanda. Por que para certos machistas da época (1947), a mulher que não aceitasse pacificamente o papel imposto a ela pela sociedade, estaria "perdida", estragada para o "mundo".

É evidente que uma situação histórica tem milenarmente subjugado a mulher numa cadeia de preconceitos e opressões culturais de natureza social, religiosa, política, opressões que se encarnam primorosamente no aspecto doméstico de nossas vidas. (TEXTO 2)

E se, de um lado, a mulher vive historicamente uma situação tensa, repleta de conflitos, cheia de duplicidade, por outro lado, ninguém mais do que ela aprendeu historicamente a caminhar no interior das ambigüidades, a trilhar as contradições, a exercer sua resistência num jogo em que, na maior parte das vezes, não foi ela quem deu as cartas. (ORLANDI, pág. 100)

Essa situação ocorre desde o começo da humanidade, isto é, a mulher convive com situações que lhe são impostas a milhares de anos como podemos observar neste trecho descrito acima, e também segundo a fala de Eni Orlandi.

Quanto à Luízinha, resistiu mais tempo, deixou-se demolir aos poucos. Foi preciso mais do que um simples dia de abril, foi preciso toda uma mocidade para deixá-la tal como ontem a vi.

Vocês nunca saberão que excelente moça o mundo estragou..(LIVRO 1)

Neste trecho do primeiro texto, todo romantismo dá lugar a uma grande carga de preconceito e crítica contra a mulher que busca sua independência.

Se não acreditar assim estarei confessando a superioridade ontológica do macho sobre a fêmea, estarei mesmo perdida e minha luta é vã. Com o perdão pelo homem, com aquela compaixão que se tem pelo algoz é que sinto que deva começar a busca pelo reconhecimento de nossa igualdade original com o macho. Me valho do autor sagrado, já na primeira página do primeiro capítulo do Gênesis desfraldando a mais antiga e autêntica bandeira feminista de que tem notícia. "Deus fez o homem, e o fez macho e fêmea". (TEXTO 2)

O segundo texto fala também que a opressão contra a mulher não é só de ser macho e sim

de categorias "machirizadas" porque quem oprime também é oprimido, de certa forma por alguma coisa ou outra, toda a humanidade é oprimida, quer seja homem e/ou mulher.

Se não fosse assim a mulher não teria como lutar contra a superioridade do homem, e assim lutar pelo reconhecimento de sua igualdade original. Como podemos observar:

Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!

Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, e se une à mulher, e eles dois se tornam uma só carne.

(GÊNESIS, 2,22 - 24)

Nesta perspectiva, podemos observar que a mulher não foi tirada da cabeça do homem para mandar nele, nem foi tirada dos pés dele para ser sua escrava, mas foi tirada do lado, para ser sua companheira. Assim todo discurso machista que diz que o homem é quem manda na mulher, está totalmente fora da realidade, pois o homem não é "Deus", e ele não tem poder nenhum que o faça ser, e querer comandar a vida da mulher. Homem e/ou mulher, ambos foram criados a imagem e semelhança de Deus.

Então Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra."

Javé Deus disse: "Não é bom que o homem esteja

sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante." (GÊNESES, 1,26, 2,18)

Não podemos deixar de ressaltar que a análise e a leitura de um texto varia de acordo com a leitura de mundo e também a constituição sócio-histórica de cada leitor. E que podemos também ter a leitura parafrástica (fechada, sentido único), leitura polissêmica (equilibrada, vários sentidos), e a leitura lúdica (totalmente aberta, vários sentidos).

O discurso polêmico é o que apresenta um equilíbrio tenso entre a polissemia e a parafrase, em que a reversibilidade se dá sob condições, é disputada pelos interlocutores, e em que o objeto do discurso não está obscurecido pelo dizer, mas é direcionado pela disputa (perspectivas particularizantes) entre os interlocutores, havendo assim a possibilidade de mais de um sentido: a polissemia é controlada. O discurso lúdico, que é o terceiro tipo, é aquele que tende para a total polissemia, que a reversibilidade é total e em que o objeto do discurso se mantém como tal no discurso. A polissemia é aberta. O exagero do discurso autoritário é a ordem no sentido militar, o do polêmico é a injúria e o exagero do lúdico é o non sense. Em nossa forma de sociedade atual o discurso autoritário é dominante, o polêmico é possível e o lúdico é ruptura. (ORLANDI, pág. 24)

Então podemos dizer que os textos analisados podem ter outro sentido e outra interpretação. Depende do lugar e da visão do leitor, que neste caso o primeiro texto, "A Moça e a Varanda", fala sobre uma adolescente que está passando por grandes transformações em sua vida, tanto sentimental, como também em relação ao seu futuro, que com o passar do tempo resolve demolir os velhos castelos de sonhos para dar lugar a algo novo e desconhecido, nas necessário para sua afirmação futura.

Quando, pela primeira, falou- se em demolir a casa para construir o prédio feio que lá está até hoje, meu primeiro pensamento foi para os ninhos das cotovias(TEXTO, 1)

E o segundo texto fala das lutas travadas pelas mulheres contra o preconceito, a discriminação e a opressão causada pela diferença homem e mulher.

A autora faz também uma crítica ao revanchismo que contém certos movimentos feministas que atrapalham a causa proposta.

Começar por aí significa a meu ver, retirar das manifestações feministas o grão de azedume e revanchismo que a grande maioria delas contém, enfraquecendo e desacreditando a causa.(TEXTO 2)

O primeiro texto que é do Livro Didático do Ensino Fundamental Regular, condiz com a faixa etária dos alunos a que é destinada, pois são adolescentes que estão na fase dos sonhos românticos, das grandes descobertas do primeiro amor e dos encontros escondidos. Uma fase em que são feitas as grandes promessas de amor eterno, sem consciência do que acontecerá no futuro. São adolescentes que não tem aquela preocupação do como será o amanhã, a não ser a

ansiedade de ver ou encontrar o objeto de seus sonhos.

Como já dissemos antes, o primeiro texto é narrado por um rapaz, e tem uma visão masculina muito apegada a detalhes bucólicos que é uma característica marcante do romantismo, com uma visão subjetiva, idealizada de como é ou como deve ser a mulher dentro do romantismo e tem a pretensão de passar essa visão para os adolescentes em questão.

E por outro lado o segundo texto do Livro Didático de Educação para Jovens e Adultos também condiz com a clientela a que é destinada, pois fala da mulher que busca sua autoafirmação dentro da sociedade como cidadã ativa que é.

A maior parte desses alunos são mulheres, donas de casa, que buscam alcançar melhorias em sua vida, tanto profissional quanto social, se bem que na maioria das vezes são muito criticadas por agirem assim, pois, para os homens na sociedade machista e patriarcal, a mulher só tem que cuidar da casa, dos filhos e do marido, e para realizarem estas atividades, não precisam estudar.

Esse texto é narrado por uma mulher que fala para mulher, fazendo assim uma crítica da questão feminista, que tende a radicalizar suas ações causando assim sérios problemas contra o que realmente é proposto e defendido pelo movimento feminista.

É evidente que uma situação histórica tem milenarmente subjugado a mulher numa cadeia de preconceitos e opressões culturais de natureza social, religiosa, política, opressões que se encarnam primorosamente no aspecto doméstico de nossas vidas. (TEXTO, 2)

Neste segundo texto, a mulher é constituída como alguém consciente de sua capacidade e

de seu poder, e que diante disso acha que pode haver uma convivência sem a constante briga entre homem e mulher

Não se pode esquecer esta verdade solar. "Quem vigia o preso também é prisioneiro." E o homem não me oprime porque é homem (macho), poderia ser o contrário, ser ele o oprimido. E muitas vezes é.(TEXTO, 2)

Desse modo as mulheres a que este texto é destinado são conscientes de que com a busca por melhorias acabam se sobrecarregando ainda mais, pois além de donas de casa também trabalham fora e ainda têm disposição para estudar à noite, e têm esperança de dias melhores e essa guerra dos sexos termina. E além de tudo, muitas vezes, elas acabam se sentindo culpadas por se ausentarem dos filhos, mas, no momento esse é o preço que se tem que pagar se quiserem sair do anonimato e assim conquistar e manter seu espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lentas e profundas têm sido as modificações provocadas pelas ações da mulher ao longo da história.

De maioria discriminada, ela vem conquistando espaço e legitimidade nos desafios que se impõe nesta virada de milênio.

Educação tem cara de mulher, e esta é a arma que deverá ser utilizada para a transformação de um século de guerras para um século de paz. A mulher lutou e pagou o maior preço na reconstrução das sociedades e nações e quer ter participação decisiva nos rumos dessa virada de milênio.

O movimento de mulheres, organizado e atuante, tem no Brasil, quase trinta anos. Anos turbulentos, durante os quais as mulheres saíram da invisibilidade, ganharam as ruas, entraram em massa nas escolas, ocuparam postos no mercado de trabalho, e embora de maneira mais tímida, chegaram à política e às chefias das empresas.

Nesses trinta anos o mundo mudou radicalmente, e o Brasil também. Na política, passamos da Ditadura à Democracia e tivemos que reaprender suas regras, assim mudou a economia, com a globalização da crise ; mudou a estrutura familiar e a sexualidade. Mudanças duras que afetaram sobremaneira as mulheres, recém saídas dos casamentos eternos e da total dedicação à família, sendo capazes de acompanhar as mudanças, interagir e adequar-se com coragem e criatividade.

Ainda hoje, as mulheres tem sofrido muita discriminação, principalmente quando são casadas e resolvem trabalhar, para assim ajudar nas despesas da família. E quando ganha um pouco mais que o marido, o fato gera muita desconfiança por parte dele, causando conflitos que

muitas vezes acabam em tragédias.

E quando são solteiras têm sempre aqueles comentários maldosos de que em vez de estar ocupando o lugar do homem, deveria é arrumar um marido e ir para a beira do fogão e do tanque, pois é isso que a mulher nasceu para fazer e é o que sabe fazer melhor, principalmente quando ocupa um cargo de destaque dentro de uma grande empresa.

Isso porque vivemos em uma sociedade predominantemente machista em pleno ano 2000, às portas do século XXI, mas as mulheres não desistem de seus ideais, tanto que conseguiram apoio das Nações Unidas (ONU) para que olhassem para os problemas enfrentados pelas mulheres nos dias atuais e até mesmo problemas de cunho cultural como de mulheres indianas e africanas, que são assassinadas e mutiladas na adolescência.

Com certeza as mulheres vão conseguir acabar com todas essas atrocidades,. Mas isso só será possível quando todos se conscientizarem de que juntos, homens e mulheres, podem ter uma convivência pacífica sem a eterna briga entre macho e fêmea para ver quem pode mais.

Ver que Deus criou um para andar ao lado do outro e não um oprimindo o outro, sonhando com um mundo melhor e isso não é impossível.

À escola, cabe criar situações favoráveis para que a discussão seja instalada, e os mecanismos para isso estão aí, os textos do Livro Didático, cada um com especificidade para turmas específicas, é possível, passível de acontecer, basta a conscientização da escola como instituição social e participante do processo sócio- histórico- social de todo ser humano.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

CLÁUDIA, Especial nº 463, abril de 2000. Nossas Mulheres. 500 Anos Fazendo a História do Brasil. O que os Livros de Escola não contam. Sibelle Pedral. Pág. 04.

GERIN, Júlia. PORTO, Márcia Flávia. NASCIMENTO, Rubi Rachel. Linguagem Expressão da Vida: Educação de Jovens e Adultos, Curitiba: Educart LTDA, 1998.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Uma breve porém crítica introdução. Zahar editores. Rio de Janeiro, 1984.

NICOLA, José de. INFANTE, Ulisses. Palavras e Idéias. 4º ed. São Paulo: Scipione, 1998.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. ____ São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações LTDA. 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e leitura. 4º ed. Campinas: Cortez, 1999.

_____. Linguagem e Seu Funcionamento. As formas do discurso. 2º ed. Revista Aumentada: Campinas : S.P. Pontes, 1987.

<http://www.bsgi.org.br/news/n19/pg4.htm>

ANEXOS

Leia atentamente o texto abaixo e responda às questões:

A MOÇA E A VARANDA

Quem dobrasse à esquerda encontraria logo o portão. Abrindo-o, estaria no jardim — modesto jardim, onde outrora houvera uma roseira que morreu de solidão. Do jardim saía a alameda das samambaias que daria acesso à varanda. Em dias de domingo — que os havia plenos de luz e de azul — já a meio caminho, entre as samambaias, um ouvido mais familiarizado conosco, os de lá, poderia distinguir facilmente os risos da gente. Ríamos muito, naquele tempo.

Da varanda, que dizer? Algumas cadeiras de vime, a mesinha que tinha um pé mais curto que os outros e dois jarrões, um em cada canto, cujas plantas (nunca lhes soubemos o nome) davam umas florezinhas amarelas e cheirosas no mês de abril, para contrariar o outono.

A entrada era uma apenas, pela direita, subindo-se a escada de mármore de três degraus. O resto da varanda era rodeada pelo patamar onde havia, no centro, uma jardineira. Depois que o último de nós ficou mais crescido e menos travesso, ali floriram gerânios.

Hoje, quem me vê não diz que eu já morei numa casa onde as cotovias faziam ninhos. Deus não me deixa mentir. No telhado da varanda, durante anos e anos, elas se hospedavam, para ale-

gria nossa e inveja dos outros garotos da redondeza. Quando, pela primeira vez, falou-se em demolir a casa para construir o prédio feio que lá está até hoje, meu primeiro pensamento foi para os ninhos das cotovias.

Vejam só que menino puro o mundo perdeu!

Os grandes dias da varanda eram os já citados domingos, quando toda a família se reunia para alegres almoços. Dessa época restam somente dolorosas fotografias.

Já as grandes noites, vieram mais tarde, quando Luizinha apareceu. Chegava — como sempre chegou — assustada com a possibilidade de o irmão tê-la seguido. Perfeito o Eduardo (para ela o Duá) na sua proverbial vagotonia.

Só depois que Luizinha se certificava que ninguém a seguira pela alameda das samambaias ("Foi o vento, Luizinha, que balançou as folhas") é que vinha o primeiro chamar de "meu bem", o primeiro beijo, morno beijo que nunca devia ter esfriado.

No dia em que ela não veio, pensei uma porção de vinganças impossíveis e votei-lhe um ódio de morte que durou quase um minuto. Era a decepção que sempre nos deixa o pecado irrealizado, logo apagada pela idéia de que não nos faltará tempo para pecar. De fato, na outra noite — hora de sempre — lá veio ela, fugindo de uma sombra para outra, para enganar o irmão. Nesse encontro nós juramos uma eterna fidelidade amorosa e fomos mais dramáticos em nossas palavras, gestos, atitudes.



Pra quê, Luizinha? Seguísses o juramento e eu te enganaria, não o seguindo, como o fizeste, enganaste-me primeiro, para confessares depois. Choraste então, e eu também chorei sem nenhuma convicção.

Vejam vocês que rapaz fingido o mundo consentou!

Num mês de abril, de 1947, demoliram a varanda. Eu vi. Parado na rua, lá da calçada em frente, esperei que os operários derrubassem o último tijolo da última parede e voltei para o apartamento com a sensação de que, dentro de mim, algo também fora demolido.

Quanto à Luizinha, resistiu mais tempo, deixou-se demolir aos poucos. Foi preciso mais do que um simples dia de abril, foi preciso toda uma mocidade para deixá-la tal como ontem a vi.

Vocês nunca saberão que excelente moça o mundo estragou!

(Sérgio Porto)

EXPLORANDO O TEXTO

1. O texto está escrito em que pessoa?
2. Aponte uma passagem do texto em que o eu (primeira pessoa) é tratado como terceira pessoa.
3. O que aconteceu com a casa? O que foi construído em seu lugar?
4. Por que os gerânios floriram na jardineira da varanda só "depois que o último de nós ficou mais crescido"?
5. Os adjetivos, quando bem empregados, servem para indicar um julgamento que fazemos sobre determinada coisa. Comente o emprego dos adjetivos que acompanham os substantivos **prédio** e **fotografias**.
6. Qual a primeira passagem do texto que nos indica que o namoro com Luizinha iria acabar?
7. Quem quebrou primeiro o juramento de "uma eterna fidelidade amorosa"?
8. Pelo texto, percebemos que os dois acabariam quebrando o juramento de fidelidade eterna. Você acredita na fidelidade

9. Quando derrubaram "o último tijolo da última parede", onde morava o eu do texto?
10. A "demolição" tem vários significados no texto. Em sua opinião, quem mais sofreu o processo de demolição?

A DESCRIÇÃO

A descrição é a fotografia, o "retrato com palavras" que se faz de pessoas, objetos, paisagens ou acontecimentos. O importante é que o leitor "veja" aquilo que está sendo descrito. Veja e identifique. Descrever uma pessoa informando que ela tem duas pernas, uma boca, dois braços, duas orelhas e um nariz não nos permite identificar essa pessoa. Essa descrição vale para a quase totalidade dos seres humanos.

Uma boa descrição é aquela que passa ao leitor informações que permitam ver e reconhecer aquilo que está sendo descrito. Portanto, é fundamental captar alguns detalhes que são próprios do ser que está sendo descrito; detalhes que permitam reconhecer uma pessoa entre várias outras, por exemplo.

Releia os dois primeiros parágrafos do texto "A moça e a varanda" e observe a descrição feita por Sérgio Porto. Note como o autor fala, por exemplo, da mesinha "que tinha um pé mais curto que os outros" e das plantas que "davam umas florezinhas amarelas e cheirosas no mês de abril".

PRODUZINDO TEXTO

O seu trabalho de redação está ligado ao que acabamos de ver sobre descrição e aos textos apresentados neste capítulo.

Em "Rua morta", de Mauro Mota, temos a caracterização de uma rua por onde passeia o poeta, com algumas rápidas descrições.

Em "A moça e a varanda", de Sérgio Porto, temos descrições da casa, do caminho que levava à varanda, da própria varanda e do encontro com Luizinha.

Você deve ter percebido, também, a importância dos adjetivos em textos descritivos.

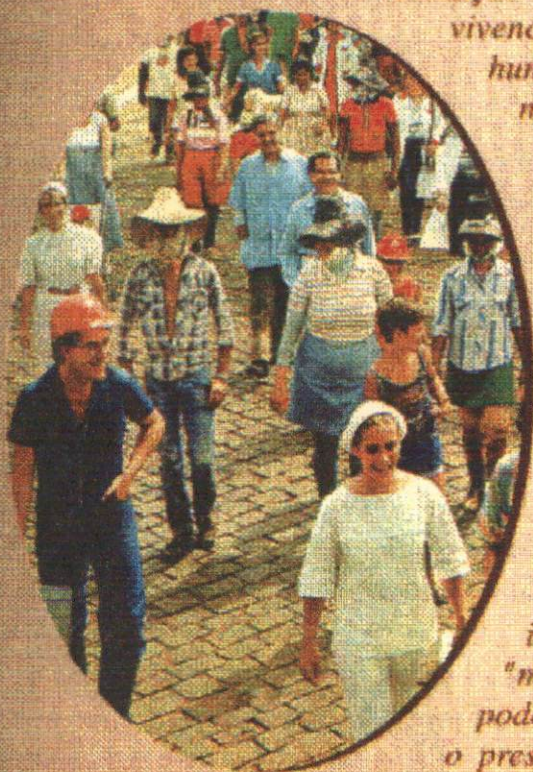
Levando em consideração essas observações, o seu trabalho será fazer uma rápida descrição:

- a) de uma rua
- b) de um colega
- c) do prédio da escola

Homem e Mulher

Afinal, quais os seus papéis na sociedade?

Por um feminismo sem azedume



Não parece existir uma condição feminina anterior à minha condição humana. A experiência da opressão é vivenciada sempre como um ultraje à dignidade humana e não à dignidade feminina ou masculina. Começar por aí significa, a meu ver, retirar das manifestações feministas o grão de azedume e revanchismo que a grande maioria delas contém, enfraquecendo e desacreditando a causa. É evidente que uma situação histórica tem milenarmente subjugado a mulher numa cadeia de preconceitos e opressões culturais de natureza social, religiosa, política, opressões que se encarnam primorosamente no aspecto doméstico de nossas vidas. São situações concretas a que se deve responder concretamente, mas incluindo o homem e as categorias culturais "machilizadas" no processo libertador. Não se pode esquecer esta verdade solar: "Quem vigia o preso também é prisioneiro." E o homem não me oprime porque é homem (macho), poderia ser o contrário, ser ele o oprimido. E muitas vezes é. Se não acreditar assim, estarei confessando a superioridade ontológica do macho sobre a fêmea; estarei mesmo perdida e minha luta é vã. Com um perdão pelo homem, com aquela compaixão que se tem pelo algoz é que sinto que deva começar a busca pelo reconhecimento de nossa igualdade original com o macho. Me valho do autor sagrado, já na primeira página do primeiro capítulo do Gênesis, desfraldando a mais antiga e autêntica bandeira feminista de que tenho notícia. "Deus fez o Homem, e o fez macho e fêmea."